



METAgrafias

n. 4 - Composições Urbanas e
outras paisagens (vulgo C.U.)

METAgraphias

ISSN 2448-1246

VIS | IdA | UnB

METAgraphias

VIS | IdA | UnB

REITORIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Ivan Marques de Toledo Camargo

DIRETORIA DO INSTITUTO de ARTES

Ricardo Dourado Freire

CHEFIA DO DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

Biagio D'Angelo

COORDENADOR DA PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE

Belidson Bezerra Dias Junior

EDITORAS

Aina Guimarães Azevedo, Luisa Günther, Maicyra Teles Leão, Máira Zenun de Oliveira, Priscila Monteiro Borges, Polyanna Morgana Duarte Rocha.

CONSELHO ARTÍSTICO & EDITORIAL

Adeilton Lima, Aina Guimarães Azevedo, Ana Paula Moreira, Ary Nunes Coelho, César Becker Flores, Daniel Fernandes, Darli Pereira Nuza, Felipe Ramon Alves Olalquiaga, Gabriel Lyra Chaves, Gregório Soares Rodrigues de Oliveira, Jefferson Luiz Damasceno Sooma, Júlia Moana Nóbrega, Leisa Sasso, Luisa Günther, Luiz Carlos Pinheiro Ferreira, Lukas Pacheco Brum, Maicyra Teles Leão, Máira Zenun de Oliveira, Maria Beatriz de Medeiros, Maria Eugênia Lima Soares Trondoli Matricardi, Mariana Ramos Soube de Seixas Brites, Mirella Mileidy Assunção Luz Castro, Paulo Ivan Rodrigues Vega, Pedro Ernesto Freitas Lima, Polyanna Morgana Duarte Rocha, Priscila Monteiro Borges, Renata Simoni Homem, Sissa Aneleh Batista de Assis, Tatiana Duarte Menezes, Tiago Henrique Alencar Monteiro.

Campus Universitário Darcy Ribeiro
Departamento de Artes Visuais, SG-1
Universidade de Brasília, CEP 70904-970
Caixa Postal n. 4432
Brasília-DF

metagraphias@gmail.com
ISSN 2448-1246

Contribuições devem ser submetidas pelo site: <http://seer.bce.unb.br/index.php/metagraphias>

Todos os direitos reservados A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei no 9.610).
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

suMÁRIO

EDIToRIAL & Sobre a CAPA

antes, moro em mim.....	1-10
...Luisa Günther & Priscila Borges	

oBRa (ou) ALGo

eu queria ser (...)?.....	11
...Yasmin Adorno	
poética do comprimento: em trânsito.....	12
...Lukas Brum	
metapaisagem.....	13
...Maycira Leão	
arquimera – arquitetura da veicidade.....	14
...Tatiana Terra	

ENSAIOS IMAGéticos

anarco-fofismo.....	15-44
...Ju Borgê	
mostruário da paisagem como coisa.....	45-90
...coletivo duplaPLUS	
poesia como paisagem.....	91-110
...Maré de Matos	
nós por nós.....	111-120
...Mônica Nador	
o tarô de rua.....	121-129
...ZMário Peixoto	
estratégias do devir :: alto do chão.....	130-134
...André Santângelo	
respiros.....	135-143
...Gregório Soares	
atenção: isto pode ser um poema.....	144-173
...coletivo TRANSVERSO	
se essa rua fosse minha: a hora das pedras e breves croquis para uma arqueologia.....	174-179
...Adriana Vignoli	

MANiFESTO

cuidado.....180-183

...Matheus Raynner André

manifesto : por uma cidade lúdica e coletiva ::

por uma arte pública, crítica e poética a.....184-198

...coletivo PORO

ARTIGoS

composição urbana: supreensão e fuleragem.....199-212

...Natasha de Albuquerque e Bia Medeiros

notas do jardim selvagem.....213-251

...Danna Lua Irigaray

ações poéticas: percursos nas ruas da cidade.....252-272

...Carolina Prediger Koester e Helga Correa

escrever o tempo ou sobre o olhar com paixão

ou diálogos para vendaval.....273-290

...Yana Tamayo e Janaina Chavier

DECLARações multiVERSAS

a praia.....291-304

...Karina Gomes Barbosa

das delicadezas de um momento que não volta.....305-309

...Lisa Minari

notas sobre tudo aquilo que não está entre aspas.....310-319

...Tiago Monteiro

EDITORIAL

antes, moro em mim.

Hoje a vida pública também se tornou questão de obrigação formal. A maioria dos cidadãos aborda suas negociações com o Estado com um espírito de aquiescência resignada, mas essa debilitação pública tem um alcance muito mais amplo do que as transações políticas. Boas maneiras e intercâmbios rituais com estranhos são considerados, na melhor das hipóteses, como formais e áridos e, na pior, como falsos. A própria pessoa estranha é uma figura ameaçadora, e muito poucos podem sentir um grande prazer nesse mundo de estranhos: a cidade cosmopolita. Uma res publica representa, em geral, aqueles vínculos de associação e de compromisso mútuo que existem entre pessoas que não estão unidas por laços de família ou de associação íntima: é o vínculo de uma multidão (... paradoxalmente) quando todos estão se vigiando mutuamente, diminui a sociabilidade, e o silêncio é a única forma de proteção.

Richard Sennet
O Declínio do Homem Público

*Tudo aquilo em que ponho o meu afeto
fica mais rico e me devora.*

Rainer Maria Rilke
O Poeta

Somos membranas.



Esta afirmação, que pode parecer estranha, foi uma conquista da percepção. Um dia qualquer, permeada pelos ritmos cotidianos do existir, aconteceu a sensação de saber (*com toda a certeza*) que somos membranas. Existimos em um *entre*, em uma espécie de limbo, suspensos e permeados: de um lado o dentro; do outro, o fora. Estranho? Um pouco. Afinal, afirmar que somos, tão somente, uma película entre o *de dentro* e o *de fora* quase ofende. Só que não. Só ofenderia quem acredita que somos qualquer coisa *entre* um pouco mais que isso e um pouco menos que poeira cósmica. Paciência. Prefiro continuar refletindo sobre as implicações de sermos membranas.

Ao bem da verdade, só pude perceber que somos membranas devido a uma insatisfação anterior: nunca entendi muito bem a questão dos limites. O limite parece algo enfadonho. Como acontece com as estruturas de controle e de opressão; ou com os rótulos e recalques. Como meu mais constante limite era o meu próprio corpo, sentia-o como pouco. Depois foi ponte até o outro; depois foi passagem: portal para outras existências virem a ser partes distintas de mim. Depois, foi apenas biologia. Corpo que fede, excreta e solta pum; corpo que cansa, que causa, que carrega, que acalenta, que adocece. Entre o corpo-festa e o corpo-fresta, mesmo múltiplo, o corpo continuou pouco. Apenas porque sempre achei inconveniente não conseguir esparramar-me como um sorvete derretido-derretendo. Não era suficiente que o corpo se melasse; se lambuzasse; se lambrecasse; se sujasse; se molhasse. Queria também que partes de mim ficassem espalhadas e deixassem seus rastros sorrateiros como denúncias da gratidão de existir. Queria que a extensão daquilo que não sou, contivesse um pouco de mim. Enfim. Tudo isto, tão íntimo. Tudo isto, pequena amostra da paisagem interna dos devaneios de mim. Assim, tudo isto talvez seja, justamente e tão-somente, a forma escolhida de corromper-me até você, leitor. Agora, não sei ao certo se é preciso desdobrar considerações sobre certa incapacidade de deixar de lado as reservas do que nos é particular. Em contrapartida, e ao mesmo tempo, a transparência do existir configura o insuspeito como público. Talvez, esta relação entre nós mesmos e o que nos circunda, seja apenas isso mesmo. Talvez, não seja outra coisa, não possa ser outra coisa, além disso mesmo. Em todo caso, ao bem da verdade, somos simultaneamente vários *de dentro* e tantos outros *de fora*. Talvez todas as paisagens, que já vimos ou que já vivenciamos, desde o ao vivo do *aqui-e-agora* até aquilo que imagina qualquer um de nossos 11 sentidos, existam também dentro de nós. Ou sejam, nós. Somos as paisagens que carregamos. Somos o devaneio do *corpo-como-casa; corpo-como-templo; corpo-como-cosmo*. Para a pergunta *quantas paisagens tenho em mim?* uma única resposta: todas!

Enquanto isso, nesta edição são apresentadas poéticas que engendram a possibilidade de pensar diferentes paisagens como extensões das ações simbólicas que nos permeiam. Não apenas paisagens urbanas, mas talvez, as decorrências de nossas existências urbanizadas. Seríamos *seres-cidades*, vítimas e algozes de processos civilizatórios que, ao mesmo tempo, nos domesticam e libertam?! Inevitável referência às cidades de Ítalo Calvino (ou) a todas as potências <utópicas x distrópicas> que algum dia foram imaginadas por alguém. A sugestão inicial para esta discussão advém de C.U., conceito proposto por **Bia Medeiros** e desdobrado aqui em parceria com **Natasha de Albuquerque**, enquanto estratégia poética de ações (que podem estender-se desde o anarco-fofismo de **Ju Borgê**; a pesquisa de lambes, conforme apresentada por **Carolina Prediger Koester** e **Helga Correa**; o ativismo libertário de **Mônica Nador**; a poesia urbana de **Maré de Matos** e do **coletivo TRANSVERSO**; o manifesto-poético do **coletivo PORO**; até, as interferências-performáticas de seres-sutis e seus registros como fazem: **Yasmin Adorno** com o momento imediato; **Lukas Brum** com seu existir diante um olhar distraído; **Maycira Leão** como se fosse uma Yayoi; o **coletivo duplaPLUS** com sua poética das circunstâncias; **ZMário Peixoto** com a sorte do jogo; **Gregório Soares** com as entranhas da terra). Além destas ações, muito amor pelas paisagens do íntimo: do delírio que vagueia em **Tatiana Terra**; da jardinagem parabólica de **Danna Lua Irigaray**; das partilhas de memórias de infância, tanto no diálogo entre **Yana Tamayo** e **Janaína Chavier**, quanto no musicar delicado das calçadas de **Adriana Vignoli**; do momento antes do nada de **Tiago Monteiro**; do começo da busca que não volta no tempo de **Lisa Minari**; do encontro fortuito entre as extremidades celestiais da existência partilhada de **André Santângelo**. Mas, como nos avisa **Matheus Raynner André de Souza**: cuidado! Tantas outras coisas podem acontecer entre a brisa do mar sob o céu de nossa vã filosofia, não é **Karina Gomes Barbosa**?!

Luisa Günther e Priscila Borges

SENNETH, Richard. *O declínio do homem público. As tiranias da intimidade*. Tradução: Lygia Araujo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

sOBre a caPA

Capa criada a partir de fotografia de Clarissa Borges da série Turista Censurado¹.



Palácio do Planalto

¹ **Turista Censurado** é uma série fotográfica de imagens manipuladas realizada em 2003, que compõe o acervo da coleção de Karla Osório, em Brasília. Segundo Fernando Oliva, correspondente para o jornal O Estado de São Paulo à época da Feira de Arte de Frankfurt, “o trabalho de Clarissa Borges na Artfrankfurt, *Turista Censurado*, é emblemático dessa visão: ela interfere em fotografias de algumas áreas célebres da cidade, como a Praça dos Três Poderes e o Palácio do Planalto, inserindo tarjas negras que prejudicam a visão e criam ruídos nesses cartões-postais tantas vezes reiterados - além de simbolizar a ideia de luto por uma promessa não cumprida.” (Caderno Dois, 28/04/2003).

Participação em Exposições:

- (2008) **Super-Novos, Exposição dos novos professores da UFU**. Casa da Cultura, Uberlândia/MG
- (2006) **Manobras Radicais**, curadoria Paulo Henkenhoff. Centro Cultural do Banco do Brasil, São Paulo/SP
- (2005) **Além da Imagem**, curadoria de Nessia Leonzini. Centro Cultural Telemar, Rio de Janeiro/RJ
- (2005) **Descobertas do FOTO ARTE 2004**, curadoria Karla Osorio Netto. Espaço Cultural Contemporâneo, Brasília/DF
- (2005) **Turista Censurado**. Teatro Nacional Claudio Santoro, Foyer da Sala Martins Penna, Brasília/DF
- (2005) **Turista Censurado**. Galeria de Arte Frei Confaloni, Goiânia/GO
- (2005) **Arte Pará**, curadoria Paulo Henkenhoff. Belém/PA
- (2005) **Última-Quarta de Vídeo**. Sala Alberto Nepomuceno, Teatro Nacional, Brasília/DF
- (2004) **Via BR 040 Serra/Cerrado**, curadoria de Neno Del Castillo e Sônia Salcedo. Museu Imperial, Petrópolis/RJ
- (2003) **Vice-versa: Eixo Brasília/Linha Imaginária**, curadoria de Tereza Arruda. ArtFrankfurt, Frankfurt/Alemanha
- (2003) **Turista Censurado**. Espaço Cultural Contemporâneo Venâncio – ECCO, Brasília/DF



Mastro da Bandeira + Catedral + Palácio da Alvorada = adivinha se for capaz!